

POLÍTICAS DO CORPO

Frei Betto

Resumo:

O texto aborda a questão das *Políticas do Corpo* no âmbito da sociedade neoliberal e suas relações imbricadas com as problemáticas do corpo social vigente a saber: exclusão social generalizada (desemprego, prostituição, fome e miséria); violência, banalização do corpo feminino e infantil através da erotização e pornografia; segregação do corpo dos trabalhadores e agricultores em contraste com o culto ao corpo narcisístico (malhação) . Trata também da *Economia dos Corpos* que forja, através das políticas do FMI, o corpo dos desamparados , desempregados, famintos, prostituídos e enfêrmos, em cuja pele poderia conter as nervuras da *Corporalidade Holística*, aquela que entende o corpo saciado da fome de pão , direitos humanos , dignidade e beleza.

Abstract:

"A criança é um brinquedo erótico", escreveu Freud em sua "Contribuição à psicologia do amor II", em 1912. Eros é o princípio da ação, da vida e do amor. As palavras, no entanto, sofrem de corrupção etimológica. Hoje, erotismo é sinônimo de pornografia e de lucros biliardários.

Em setembro de 2000, a polícia italiana descobriu uma máfia de vídeos russos, negociados pela Internet, cujas imagens mostram crianças sexualmente violentadas. O acervo continha mais de 50 mil fotos. Os pedófilos pagavam de US\$ 400 a US\$ 6.000 por um vídeo ou DVD, identificados por códigos. Os produtores já tinham obtido lucro superior a US\$ 600 milhões, e sua clientela preferencial encontrava-se nos EUA, na Alemanha e na Itália. Os "atores" eram seqüestrados em orfanatos, circos e parques públicos, e levados para os estúdios. Os vídeos mais baratos mostram crianças que não sabiam que estavam sendo filmadas. Os mafiosos as conduziam a uma loja de roupas e, seduzidas pelos presentes, elas experimentavam peças de vestuário em cabines focalizadas por câmaras ocultas. As gravações mais caras exibem crianças violentadas e torturadas até a morte!

Cobaias hollywoodianas

Na mesma semana em que a rede de pedófilos foi desbaratada na Itália, o senado dos EUA, interessado em deter a onda de vandalismo nas escolas, convocou os executivos de Hollywood para exigir deles um projeto capaz de reduzir a violência nas produções cinematográficas. Relatório da Comissão Federal do Comércio acusou a indústria de entretenimento de oferecer a crianças filmes, músicas e jogos eletrônicos recheados de violência.

"The New York Times" denunciou, em 27/9/2000, que Hollywood utiliza crianças de 9 e 10 anos como cobaias para testar produções proibidas a menores de 17 anos, exceto quando acompanhadas dos pais ou responsáveis. Mel Harris admitiu que a Columbia Pictures, controlada pela Sony, agiu mal ao testar o filme "O quinto elemento" com uma platéia de adolescentes.

A Hollywood Pictures, controlada pela bucólica Disney, reconheceu que testou o filme "O juiz", estrelado por Sylvester Stallone e vedado a menores, numa platéia de cem jovens de 13 a 16 anos. A MGM e a United Artists exibiram comerciais de filmes de terror, restritos a adultos, a mais de 400 jovens com idade entre 12 e 18 anos.

A Columbia Tristar contratou pesquisadores para entrevistar crianças de 9 a 11 anos, a fim de avaliar como deveria prosseguir o filme "Eu sei o que vocês fizeram no verão passado", baseado num conto de terror que descreve assassinatos brutais. Na platéia da versão original do filme predominavam crianças de 10 anos.

Todo filme americano chega ao mercado envolvido numa poderosa campanha de marketing, que vai muito além dos freqüentadores de salas de cinema. Segundo o relatório do senado, de 44 filmes com classificação R (inadequado para menor de 17 anos), 80% tinham estratégia de marketing voltada para o público jovem. Todas as 55 gravações musicais com a mesma classificação tiveram publicidade centrada em menores de 17 anos.

Ainda que a criança não possa ser admitida na sala de cinema, ela poderá consumir produtos, como brinquedos e videogames, vinculados ao filme. E com certeza saciará sua curiosidade através de vídeo ou DVD. Ou no dia em que a TV, ignorando os princípios elementares da ética, projetar o filme sem restrições de idade. Eis a razão por que as produções cinematográficas, como os capítulos de telenovelas, são submetidos a sessões-teste desde as primeiras cenas.

Desejo & sentimento

Freud explica. Muitos homens tendem a dissociar afeição e sensualidade. Amam a quem não desejam e desejam a quem não amam. Neles o vigor sexual só se manifesta, segundo Freud, frente ao "objeto sexual depreciado", como a prostituta ou a mulher de condição social, intelectual ou etária inferior à dele.

Isso vale para a criança como objeto do desejo ou "brinquedo erótico", já que ela é um ser indefeso, incapaz de oferecer resistência ao adulto que se sente impotente diante de outra pessoa adulta e, sobretudo, inseguro num mundo de mulheres emancipadas que não dissociam atração e afeto.

A sociedade neoliberal, fundada na competitividade e no êxito egolátrico, favorece o desamor, pois instaura concorrência onde deveria haver solidariedade e, em se tratando de riquezas, aumenta a acumulação engendrando a exclusão. Na impossibilidade de mercantilizar o afeto, ela acena à libido.

Basta observar uma banca de revista, um programa humorístico na TV ou uma peça publicitária. Ali a mulher é reduzida a seus contornos anatômicos, tão desnuda de roupas quanto de princípios, idéias e valores. Mero objeto descartável, cujo realce promove uma deseducação do olhar, de tal modo que passa a ser vista como um atraente naco de carne exposto no açougue virtual.

Essa cultura da glamourização das formas, que enriquece as academias de ginástica e os cirurgões plásticos que se prestam aos caprichos da vaidade, deteriora as relações de alteridade. Mulheres e homens que não correspondem ao modelitos imperantes são marginalizados, condenados a purgar seus complexos no limbo dos que não merecem afeto por não serem suficientemente atrativos.

Pedófilos, tarados, estupradores e assassinos de mulheres são regados pelo caldo de cultura dessa sociedade neoliberal que só reconhece os valores do mercado financeiro, pois troca o coração pelo bolso e suprime a ética em nome da estética. E o mais grave é que insistem em nos convencer que liberdade de expressão é a TV invadir os nossos lares intoxicando crianças com pornografia e violência.

Segregação de corpos

Em São Paulo, professores da Escola Base foram acusados, injustamente, de abuso sexual de crianças, e filhos bastardos do nazismo, os *skinheads*, lincharam até a morte um homossexual. No Rio, denunciaram angolanos, sem provas, de participarem de chacinhas em favelas. Em Miami, um garoto cubano foi seqüestrado pela máfia anticomunista, numa violação aos princípios elementares do direito. Na Áustria, os partidários de Joerg Haider ressuscitam o fantasma de Hitler e prometem fechar o país aos imigrantes.

Nunca se falou tanto em corpo como neste século que tanto o profana. Nas fábricas, o corpo do operário atrela-se ao ritmo da máquina, como Chaplin critica em *Tempos Modernos*. Por que os agricultores, que fazem tantos trabalhos físicos, não possuem corpos atléticos? Seus corpos em geral são duros, rígidos, contraídos, porque usados apenas como ferramentas e não como expressão do ser que somos nessa indivisível unidade corpo-espírito.

Felizmente, a contracultura e os movimentos feministas atuam em prol do resgate do corpo, influenciando inclusive em movimentos espirituais que redescobrem o corpo como forma de oração. A respiração, a postura, a dança, são importantes na oração, conforme atestam as tradições bíblica e litúrgica. A oração que não integra o corpo e, com ele, toda a realidade circundante, histórica e natural, tende a cair no narcisismo espiritualista, que faz preceder o bem-estar do orante à graça divina, tanto mais eficaz quanto mais a pessoa se *entrega* e se *integra* no corpo de Cristo, que se prolonga no sofrimento do oprimido e se dilata na evolução do Universo.

A linha vertical que divide os seres humanos entre vencedores e vencidos, aliados e inimigos, fiéis e hereges, desce da abstração da linguagem, consubstanciada em ideologias e crenças religiosas, para atingir seu ponto mais cruel: a segregação de corpos.

"Uma rosa é uma rosa é uma rosa", declamava Gertrude Stein. Ninguém discorda. No entanto, não há consenso de que "uma pessoa é uma pessoa é uma pessoa". Nazistas negam a judeus o direito à vida, assim como há judeus que se julgam superiores aos palestinos, e muçulmanos que assassinam cristãos que não comungam com suas crenças, e cristãos que excomungam espiritualmente judeus, muçulmanos, comunistas, homossexuais e adeptos do candomblé.

Uma pessoa é o seu corpo. Vive ao nutri-lo e faz dele expressão do amor, gerando novos corpos. Morto o corpo, desaparece a pessoa. Contudo, chegamos ao século 21 e ao Terceiro Milênio num mundo dominado pela cultura necrófila de glamourização de corpos aquinhoados pela fama e pela riqueza, e exclusão de corpos condenados pela pobreza ou marcados por características que não coincidem com os modelos do poder.

Num país de famintos e corpos esqueléticos, a glamourização das formas induz um punhado de homens e mulheres a se submeterem a regimes e tratamentos cruéis. Despendem tempo e fortuna com os requintes da vaidade física, como a aranha que tece sua própria teia narcísica, da qual se torna prisioneira. Não há academias

especializadas em malhação do espírito e ainda não se inventou a transfusão de conhecimentos e valores de uma pessoa a outra ou do computador à mente, de modo a fazer coincidir a estética da aparência com a beleza da essência.

Na lista telefônica de Santa Mônica, EUA, consta o número da Fundação Elizabeth Taylor contra a aids. Não há nenhuma fundação contra a fome. Esta mata muito mais do que aquela. Por que a aids mobiliza mais do que a fome? Porque não faz distinção de classe. A fome é problema dos oprimidos, e ameaça 2/3 da humanidade. Os premiados pela loteria biológica, nascidos em famílias que podem se dar ao luxo de comer menos para não engordar, são indiferentes aos famintos ou dedicam-se a iniciativas caridosas, com a devida cautela de não questionar as causas da pobreza.

Clonam-se corpos, mas não a justiça. Em nome da tirania das idéias, queimam-se corpos, como o de Giordano Bruno, cujo martírio, há 400 anos, comemoramos em 2000. Revistas de entretenimento e a publicidade exaltam a exuberância erótica de corpos, sem que haja igual espaço para subjetividades, espiritualidades e utopias. Menos livrarias, mais academias de ginástica. Morreremos todos esbeltos e saudáveis; o cadáver, impávido colosso, sem uma celulite.

Da ascética mortificadora do corpo, passamos agora à sua exaltação pagã. No esporte, exige-se dele desempenhos cada vez mais excepcionais, sobretudo em agilidade (ginastas e jogadores) e velocidade (corredores e nadadores). No trabalho, impõem-se-lhe uma carga estressante, seja na atividade física, mal remunerada, seja no esforço mental. Em casa, ele é entupido de medicamentos, para dormir ou despertar, reduzir a melancolia ou aprimorar seus contornos.

A sacralidade do corpo

Teilhard de Chardin, enfatizando a teologia paulina, via toda a Criação, das partículas atômicas ao movimento das galáxias, como corpo de Cristo em expansão cósmica. No entanto, quantos tabus e preconceitos ainda cercam o corpo! Mesmo em escolas consideradas modernas o tema não ultrapassa o enfoque biológico. Sexualidade e afetividade permanecem assuntos clandestinos. Reforça-se assim a ideologia patriarcal de submissão do corpo feminino ao domínio masculino, aprofundando os dualismos que emanam do mito de que os papéis feminino e masculino estariam definidos segundo suas respectivas naturezas. Ora, foram as definições supra-estruturais que surgiram *a posteriori* para legitimar a apropriação do corpo da mulher pelo homem, levando-a a se pensar como ser-no-mundo em função, não de si mesma, mas do outro sexo, a ponto de ela encarar o seu corpo como algo estranho, cujo funcionamento só seria adequadamente controlado por uma categoria específica de homens - os médicos.

Somos um corpo. Assim como a árvore brota da terra, o corpo humano emerge da evolução do Universo. Somos todos feitos de matéria estelar. Nosso corpo tem a idade aproximada de 15 bilhões de anos! Sua gestação teve início quando o calor da explosão inicial do Universo ofereceu, a olho nenhum, a primeira festa cósmica de São João. Fogueiras acesas no firmamento pontilharam de luz a escuridão do céu.

Ali, no bojo dos fornos estelares, o hidrogênio, cozido a temperaturas altíssimas e diferenciadas, engendrou o magnífico colar da escala atômica. Todos os átomos do nosso corpo adquiriram, nas entranhas das estrelas, existência e consistência. Eram, então, como notas da escala musical que ainda não encontraram o instrumento capaz de fazê-las ressoar em música.

Muito tempo depois, os átomos do nosso corpo ganharam pele nas moléculas e vestiram-se com a roupa das células, construindo esse ser que somos. Já não faz sentido falar que somos um corpo dotado de alma. Menos platônico, São Paulo fala em "corpo espiritual" (I *Coríntios* 15, 44) .

Somos o Universo que se contempla a si mesmo. Em cada pessoa - no menino de rua e no sultão - o Cosmo se espelha e se descobre harmônico e belo. Cada partícula atômica de nossas moléculas dançarinas, que tecem as células que estruturam o nosso corpo, foi cozida no calor de uma estrela. Feitos de matéria estelar, somos todos filhos do Sol, como intuía os indígenas astecas e andinos.

O corpo contém o espírito assim como o espírito se consubstancia no corpo. Os jogos labirínticos dos redutos quânticos fazem a energia pulsar em matéria e a matéria expressar-se em energia, unidas no aparente paradoxo das partículas que fluem como ondas e das ondas que se exibem em partículas. São faces sutis de um mesmo perfil coroado pelos elétrons, que brilham em torno do picadeiro desse fantástico circo onde prótons e nêutrons produzem, na proporção exata, o espetáculo do ser.

Tudo isso é o corpo que somos, no qual a carne é tão espiritual quanto o espírito tão carnal, indivisíveis, dualidade sem dualismo, semente contida na árvore contida na semente que contém tronco e galho, seiva, folha e

flor, assim como, desde seu início, o Universo nos continha e, desde sempre, Deus nos enlaça em seu abraço amoroso.

Esse corpo que somos é o corpo personificado do Cosmo e, também, imagem e semelhança de Deus. "Nele vivemos, nos movemos e existimos", acentuam os *Atos dos Apóstolos* (17, 28). Agora, em nosso corpo, o Universo abandona sua bilena cegueira e ganha olhos em nossos olhos - espelhos em que ele se contempla e descobre, maravilhado, que é belo. Daí Cosmo, nome que provém da mesma raiz grega de cosmético, aquilo que embeleza.

Somos a Terra em sua expressão humana. Nós, homens e mulheres, não somos qual o barco colocado sobre as águas. Somos a água moldada em ondas e espumas. Filhos da Terra, trazemos em nosso corpo a mesma proporção de água e sal encontrada neste planeta. Da natureza emergimos e graças a ela nutrimos a nossa vida, e encontramos em nosso corpo matas em forma de pêlos, superfícies lisas e ásperas, reentrâncias e protuberâncias, fendas, canais, fontes e cavernas.

Esse corpo que somos dorme e sonha, sofre e goza, sabe-se feliz ou contrai-se em tristeza, esbanja saúde ou fragiliza-se na doença. Sobretudo, é capaz de algo inacessível a todos os outros animais: sorrir. E, no entanto, ainda vivemos num mundo submerso em lágrimas. Porque esse corpo, provido de sentimentos e emoções, guarda rancores, iras e ódios, embora tão capaz de compaixão, ternura e amor.

Esse corpo que somos é morada divina. Porém, ainda profanado pelo trabalho opressivo, abatido pelas guerras, prostituído pela miséria, excluído pelo Estado de mal-estar social. Corpo feito para se revestir de dignidade, pleno de direitos. Corpo copo que acolhe vinho e carinho e se projeta em palavras, como o pássaro lança-se ao vento que imprime vôo às suas asas.

Esse nosso corpo é idêntico ao corpo de Cristo e, como ele, vocacionado ressurrecionalmente à eterna idade, lá onde o tempo se despe do espaço e cede lugar à plenitude do amor.

A economia dos corpos

Seria outro o efeito da política se ela centrasse seu programa, não em reajustes monetaristas, mas na economia dos corpos. Então, ela desceria do pedestal das abstrações numéricas para encarar corpos sem pão e sem terra; desamparados e prostituídos; desempregados e enfermos. Corpos destituídos de direitos, de dignidade e de beleza.

Nas academias de ginástica e de dança, o corpo molda-se tonificado pelo ilusório elixir da juventude. Favorecem-se a saúde e a estética. Vigorosos e vistosos, os corpos nem sempre adquirem mais capacidade de relação consigo, com o outro e com Deus.

É uma sabedoria ser capaz de escutar o próprio corpo, tratá-lo bem, refinando seu espírito e evitando empanturrá-lo de comidas e mágoas, bebidas e cóleras. É preciso impedir que "a louca da casa", a imaginação, atee fogo em nossos sentimentos e emoções.

A Igreja católica, que entregou à tortura e à morte judeus, índios, homossexuais e hereges, agora se penitencia desse passado abominável. Em março de 2000, João Paulo II pediu publicamente perdão pelas violências que, em nome de Deus, o poder eclesástico cometeu contra corpos e mentes. Quem dera que, a partir deste gesto, certos cristãos renegassem o hábito de discriminar, oprimir e excluir corpos pelas más condições de trabalho, pelo racismo, pelo preconceito, pela pretensão de se julgarem superiores a seus semelhantes.

Na prática de Jesus, a justiça encontra sua expressão mais bela na saúde dos corpos e na comensalidade, que faz da mesa comunhão entre pessoas. A ponto de Cristo tornar a partilha do pão e do vinho, da bebida e da comida, sacramento de sua presença entre nós e em nós. E nos ensinar a oração "Pai Nosso/pão nosso". Se o pão é só meu, como o Pai pode ser nosso?

A exclusão dos corpos

A política das nações pode ser justamente avaliada pela maneira como a economia lida com a concretude dos corpos, sem exceção. Um país, como o Brasil, que segrega corpos, condenando-os ao desemprego e à miséria, em nome da estabilidade da moeda e das imposições do FMI, ainda está longe do portal da civilização.

Num mundo em que o requinte dos objetos merece veneração muito superior ao modo como são tratados milhões de homens e mulheres; o valor do dinheiro se sobrepõe ao de vidas humanas; as guerras funcionam como motor de prosperidade; é hora de nos perguntarmos como é possível corpos tão perfumados ter mentalidades e práticas tão hediondas? E por que idéias tão nobres e gestos tão belos floresceram nos corpos assassinados de Jesus, Gandhi, Luther King, Che Guevara e Chico Mendes?

O cristianismo platônico cindiu, à faca maniqueísta, corpo e alma. Apropriou-se a Igreja da alma e entregou o corpo aos cuidados do braço secular. Inimigo da carne, o espírito acreditou-se tanto mais próximo de Deus quanto menos encarnado. Assim, o matrimônio, um sacramento, chegou a ser considerado, pela teologia agostiniana, "estado de pecado consentido", e o sexo, alquimia de Satanás.

De seu lado, o braço secular - instituições públicas e privadas - traficava corpos de escravos e prostitutas, e entregava à tortura inquisitorial o corpo cuja língua não professasse que a verdade é filha da autoridade eclesiástica.

O avanço tecnológico desapropria-nos do corpo. O que fazer com ele se já não produz? E a libido é socialmente controlada como valor comercial. É o que Marcuse chamou de "dessublimação repressiva" da sexualidade. O corpo esculpido segundo o modelo grego - nu, sadio, forte e belo - é a criação mitológica mais recente, ainda que desprovido de alteridade. A libertação descentra-se da luta de classes para centrar-se no corpo, já que o neoliberalismo tenta suprimir a pergunta sobre o sentido da existência. Para ele, basta desfrutá-la.

Merleau-Ponty enfatizava que temos um corpo e somos o nosso corpo. Investimos em sua preservação (práticas higiênicas e culinárias), em sua apresentação (cosméticos e vestuário) e em suas expressões afetivas (sinais emocionais). Tais expressões são o nosso tendão de Aquiles, sobretudo se o nosso corpo é um poço de mágoas, ressentimentos, invejas, e faz da língua uma faca afiada que retalha, em tiras de desafeto, o respeito ao outro.

Agora, o corpo recusa-se a ser refém do espírito. Da esquizofrenia da alma sobrepondo-se à carne, passamos à carne sobreposta ao espírito. Modelado pela erotização do mercado, o corpo adquire valor proporcional à sua adequação aos critérios de beleza estimuladores de consumo.

O Cristianismo é, por excelência, a religião da unidade e da inclusão dos corpos. Em sua natureza semítica não há lugar para o dualismo platônico, que faz do corpo cárcere do espírito e, deste, o retrato em negativo da concupiscência da carne. No batismo, nosso corpo é lavado no sangue de Cristo. Na eucaristia, ele se nutre do corpo de Deus. No matrimônio, "numa só carne" os corpos se fundem no amor que transubstancia o carinho em liturgia e a sexualidade em fonte prazerosa de vida. No Credo, os cristãos professam a fé "na ressurreição da carne".

Assim, a fé cristã sacraliza a corporalidade humana, templo vivo de Deus, e repudia tudo aquilo que a profana: opressão, exclusão, humilhação, violência, fome etc. Pois, em Jesus, Deus assume o corpo humano. "O Verbo fez-se carne", proclama o evangelho de João. A prática de Jesus caracterizou-se pelo resgate do corpo: se doente, é curado; se oprimido, libertado; se condenado, perdoado; se excluído, acolhido. E sempre amado.

Jesus deixou que tocassem seu corpo, a ponto de uma prostituta lavar-lhe os pés e enxugá-los com os cabelos, beijá-los e ungi-los com perfume (*Lucas 7, 36-50*). E fez de dois recursos indispensáveis à sobrevivência do corpo - a comida e a bebida, pão e vinho - sacramento, no qual o seu corpo eucarístico nos é dado como alimento para a vida eterna, desde que, agora, saibamos, no amor, testemunhar que a vida é terna.

Corporalidade holística

Fazer silêncio dentro de si, deixar fluir a voz interior e tratar o semelhante como sacramento vivo, são cuidados do corpo. Abrir-se ao Deus que nos habita pela graça, pela fé e por essa fascinante história da evolução do Universo que, desde o Big Bang, culmina nesse fruto infável da natureza que é cada um de nós.

O corpo de Gaia também é corpo de Cristo. A Igreja deveria incluir entre os pecados a devastação de florestas, a poluição do ar e dos rios, a contaminação dos mares. Deveria clamar mais alto, não apenas em prol das espécies animais ameaçadas de extinção, mas sobretudo em favor da espécie mais degradada pela fome e pela violência: a humana.

Gente é para brilhar, canta o poeta. Se em nossa sociedade os corpos não brilham ou brilham só quando besuntados de cosméticos, e não banhados de luz interior, algo anda errado. A festa anual de *Corpus Christi* quer nos fazer recordar que corpo é copo, cálice, onde se bebe o vinho da alegria e da salvação, inserido no corpo místico e cósmico do Cristo.

Só haverá futuro digno quando todos os corpos viverem em comunhão, saciados da fome de pão e de beleza.

Frei Betto é escritor, autor de "A Obra do Artista - uma visão holística do Universo" (Ática), entre outros livros.